

SIGNIFICADOS DE CORPO PARA ADOLESCENTES OBESOS E ACIMA DO PESOLeticia Salvador Vieira¹, Rogério Cruz de Oliveira¹**RESUMO**

Introdução e Objetivo: O objetivo do estudo consiste em compreender os significados de corpo para adolescentes obesos e acima do peso. **Materiais e Métodos:** Trata-se de pesquisa exploratória de caráter qualitativo, na qual participaram 33 adolescentes de ambos os sexos entre 15 e 19 anos, considerando os seguintes critérios de inclusão: se considerar uma pessoa acima do peso ou obeso por autodeclaração ou possuir Índice de Massa Corporal maior que 25. A pesquisa foi desenvolvida em uma escola pública estadual da cidade de Santos-SP. Os dados foram coletados por meio de questionário e entrevistas semiestruturadas, além da aferição de peso e altura para o cálculo do Índice de Massa Corporal. **Discussão e Resultados:** A análise de dados se deu por categorias não apriorísticas. Como resultado, os significados de corpo foram classificados em 4 categorias: orgânico-funcional, bem-estar, morada e saúde. **Conclusão:** Concluiu-se que há uma diversidade de significações sobre o corpo, majoritariamente numa perspectiva cartesiana e fragmentada, e que isso se relaciona com os ditames corporais contemporâneos.

Palavras-chave: Corpo Humano. Adolescência. Ciências Humanas.

ABSTRACT

Meanings of the body for obese and overweight adolescents

Introduction and Objective: The purpose of the study is to understand the meanings of the body for obese and overweight adolescents. **Materials and Methods:** This is an exploratory qualitative research, in which 33 adolescents of both sexes aged between 15 and 19 years old participated, considering the following inclusion criteria: being a person overweight or obese by self-declaration or have Body Mass Index greater than 25. The research was developed at a state public school in the city of Santos-SP. Data were collected through questionnaires and semi-structured interviews, as well as weight and height evaluation to calculate Body Mass Index. **Discussion and Results:** The data analysis was performed by non-aprioristic categories. As a result, the body meanings were classified into four categories: organic-functional, welfare, dwelling-place and health. **Conclusion:** It was concluded that there is a diversity of meanings about the body, mostly in a fragmented and cartesian perspective, and that this is related to contemporary body dictates.

Key words: Human Body. Adolescence. Humanities.

1 - Universidade Federal de São Paulo-
Unifesp, São Paulo, Brasil.

E-mail dos autores:
le._vieira@hotmail.com
rogerio.cruz@unifesp.br

INTRODUÇÃO

A Organização Mundial da Saúde (OMS, 1999) define a obesidade como uma doença em que o excesso de gordura corporal acumulada pode atingir graus capazes de afetar a saúde.

Os fatores que determinam este desequilíbrio são complexos, incluindo fatores genéticos, metabólicos, ambientais, comportamentais, sociais e culturais (Golke, 2016).

As definições a respeito da obesidade geram debates sobre seu surgimento e sua patologização recente. Nos períodos entre 1983 e 1992, durante os encontros e Conferências Internacionais de Genebra, a CID 10¹ foi elaborada e discutida, além de serem disponibilizados durante esse período alguns rascunhos que puderam receber críticas e sugestões dos Países membros da OMS em relação às classificações das doenças abordadas na edição (OMS, 2007).

Assim, a obesidade foi classificada como CID 10 E66 (onde a sigla "E" corresponde às doenças endócrinas, nutricionais e metabólicas e a numeração 66 à obesidade) (OMS, 2007).

Nessa esteira, Magalhães (2008) afirma que a OMS classificou em 2003 as causas da obesidade em: frequente adesão dos pais e educadores à comodidade fast-food, o hábito do consumo televisivo e a combinação de dietas deficitárias com a redução do exercício físico. Dessa forma, pode-se compreender que a obesidade sofre influência da educação familiar e da vida contemporânea.

Em relação a esta última, é possível observar que as tecnologias em geral facilitam o acesso à informação, mas também ilustram ideais de estilos de vida. Um desses ideais diz respeito à concepção de beleza e corpos socialmente aceitos e considerados corretos a se seguir.

Para Serra e Santos (2003), as mídias sociais exercem pressão sobre as pessoas no sentido de consumirem aparências e estilos de vida que, muitas vezes, não estão ao seu alcance e, por isso, acabam por frustrar muitas

expectativas, pois, possui o poder de produzir sentido, projetá-los e legitimá-los.

A busca por um corpo esbelto, longilíneo, magro e saudável têm movido muitas pessoas na contemporaneidade, tanto as que produzem esse conteúdo quanto as que consomem.

O que nos esquecemos de considerar são as realidades passíveis de problematização por conta desse mercado, como, por exemplo, as pessoas afetadas por estigmas e preconceitos da obesidade, como já alertava Mariuzzo (2012).

Para a autora, o estereótipo da obesidade carrega duas principais marcas: a) a da incapacidade corporal, que relaciona a pessoa obesa às fragilidades da doença como, por exemplo, possuir fatores de risco para outros diversos acometimentos; b) a de não ter um corpo socialmente aceito, relacionado frequentemente à falta de vontade de se envolver em programas de emagrecimento, etc. Por esses e outros estereótipos entendemos que as pessoas com obesidade são excluídas e julgadas socialmente. Nessa ótica, todos os dias as pessoas sofrem um banho midiático de propostas: programas de emagrecimento rápido e saudável, inúmeras dietas, exercícios físicos que reduzem medidas, medicamentos milagrosos que queimam gordura, dentre outras.

Nesse interim, questionamos: Quais os impactos dessas recomendações para as pessoas com obesidade? Como esses discursos são significados e incorporados por essas pessoas? Para Nogueira (2001), determinados discursos assumem posições cientificamente inconsistentes e alarmistas, que podem repercutir com importantes efeitos iatrogênicos, como a culpabilização e a punição individualizadas.

Para tal abordagem, levamos em conta principalmente a obesidade infanto-juvenil que se tornou uma fonte de preocupação epidemiológica do século XXI, sendo assunto de inúmeros projetos relacionados à educação em saúde, promoção e prevenção da saúde.

Diante disso também se faz necessário entender os significados por trás desse tema, principalmente na adolescência.

Nesse sentido, pode se questionar: O que é um peso ideal? Peso ideal para quem? Peso ideal representa saúde? Obesidade é ausência de saúde? Pessoas obesas são sedentárias? Pessoas magras são sempre

¹ Décima Revisão da Classificação Estatística Internacional de Doenças e de Problemas Relacionados à Saúde, que entrou em vigor em 1º de Janeiro de 1993.

saudáveis e ativas? Nesse sentido, compreendemos que ampliam o olhar sobre a obesidade para além da doença é urgente e necessário, principalmente em direção ao corpo.

Segundo Le Breton (2003), para um dicionário moderno de ideias feitas no verbete corpo estaria escrito: “uma máquina maravilhosa”. Para o discurso científico ou técnico existe a fragilidade dessa “máquina maravilhosa”, não merecendo ela tal designação. Para o autor, diante da fragilidade que caracteriza o corpo, ele não é visto com a mesma permanência e confiança de uma máquina, muito menos com condições de ser controlado.

O ser humano, por meio do seu corpo, num processo de incorporação, se aproxima e assimila valores normais e costumes sociais (Daolio, 1995). Ou seja, o ser humano possui uma natureza cultural e é a partir disso que se caracteriza a ideia de que tornar-se humano é tornar-se individual (Geertz, 1989).

Nesse sentido, Mauss (2003) afirma a importância de se considerar a totalidade do ser humano. Segundo o autor, o ser humano nunca é encontrado dividido em faculdades, mas tudo se mistura (corpo, alma, sociedade), o que pode se chamar de totalidade.

Entretanto, entender o significado do corpo em um contexto social se torna tão importante quanto constatar, classificar e relacionar essas diferentes manifestações corporais que não são as manifestações de corpo estritamente naturais.

Vieira e Bosi (2013) corroboram essa perspectiva quando afirmam que os corpos são produções que refletem diversos momentos históricos.

Assim, partindo pressuposto que o debate sobre o corpo na obesidade é algo ímpar e caro à discussão contemporânea de saúde, o objetivo do manuscrito consiste em compreender os significados de corpo para adolescentes obesos e acima do peso.

MATERIAIS E MÉTODOS

Trata-se de uma pesquisa descritiva que, segundo Triviños (2008), possui foco essencial no conhecer e descrever a realidade.

No caso desse estudo, os significados de corpo para adolescentes obesos e acima do peso.

A abordagem do estudo é de natureza qualitativa, que, segundo Minayo (1994),

responde a questões muito particulares, se preocupando com um nível de realidade que não pode ser quantificado.

Nessa ótica, temos o pesquisador como elemento principal, o que, segundo Marconi e Lakatos (2003), é uma das características da abordagem qualitativa de pesquisa. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal de São Paulo sob CAAE nº 66570917.4.0000.5505.

Participaram do estudo 33 adolescentes de ambos os sexos e faixa etária entre 15 e 19 anos, sendo considerado o critério de inclusão:

Estar acima do peso ou obeso por Autodeclaração (AD) ou por Índice de Massa Corporal (IMC) maior que 25 determinada pelo cálculo ($IMC = \text{peso(kg)} / \text{altura}^2(\text{m})$).

A pesquisa foi desenvolvida com alunos de Ensino Médio de uma escola pública estadual do município de Santos-SP, na qual o recrutamento dos voluntários foi feito de forma pessoal, sendo solicitado um tempo da aula dos professores para falar com os adolescentes e convidá-los ao estudo. O estudo obteve autorização da gestão escolar.

A faixa etária estabelecida para o estudo teve como base a faixa etária adequada para cursar o ensino médio com início aos 15 anos e término previsto com, no máximo, 19 anos (Volpi, Silva e Ribeiro, 2014).

Todos os voluntários menores de 18 anos assinaram um Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE), bem como seus respectivos pais e/ou responsáveis um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (o mesmo para voluntários maiores de 18 anos).

Foram abordados 450 adolescentes regularmente matriculados nos períodos matutino e noturno da unidade escolar, dos quais 306 não quiseram participar da pesquisa.

Dos 144 adolescentes restantes 106 deles não foram inclusos pelas seguintes razões: 42 por não terem IMC acima de 25 ou não se autodeclararem acima do peso ou obeso ou, ainda, não terem idade entre 15 e 19 anos; 50 por não devolução do TALE e/ou o TCLE; 12 por não terem suas medidas de peso e altura aferidas ou não participarem da entrevista, e; 2 por desistência de participação.

Restaram assim 38 voluntários que realizaram a fase da entrevista, porém 5 arquivos foram perdidos por danos no

aparelho utilizado para a gravação das entrevistas.

Esses voluntários foram contatados, porém não eram mais alunos regularmente matriculados na escola.

Assim como os voluntários que não retornaram com o TALE e/ou TCLE e os que não realizaram a fase da entrevista. Nesse interim, participaram do estudo 33 voluntários.

Para o IMC levamos em conta este ser uma medida internacional utilizada para calcular a massa corporal de uma pessoa, sendo que o IMC acima de 25 é a classificação de uma pessoa acima do peso (Ricardo e Araújo, 2002).

A AD foi utilizada por representar uma qualificação de si mesmo, por ser compreendida como o significado que a pessoa dá ao seu corpo de acordo com suas vivências e experiências, bem como ela se vê em relação às classificações da sociedade.

O peso ideal é uma dessas classificações, e é nesse sentido que elucidamos a AD na classificação dos voluntários da pesquisa. É válido ressaltar que esta iniciativa surgiu pela possibilidade de valorizar o discurso da pessoa sobre seu corpo, sendo caro aos estudos qualitativos.

Como instrumento de coleta de dados foi utilizado um questionário com questões fechadas, destinado à identificação do perfil dos voluntários e uma entrevista semiestruturada buscando contemplar os objetivos da pesquisa.

Para tanto, consideramos os pressupostos de Minayo (2014), para a qual esse tipo de entrevista é uma conversa com finalidade.

A entrevista foi desenvolvida a partir da seguinte questão: "Em sua opinião, o que é corpo?"

A coleta de dados foi realizada entre outubro de 2017 e abril de 2018 e foi dividido em três etapas:

- 1- Etapa do recrutamento: A pesquisadora entrou em contato com os alunos para apresentar a pesquisa e disponibilizar o TCLE e o TALE e/ou envio do TCLE para os pais/responsáveis;
- 2- Etapa de aplicação do questionário e IMC: os voluntários recrutados nas salas de aula e que tiveram o TCLE e/ou TALE assinados responderam ao questionário e tiveram massa e estatura aferidos;
- 3- Etapa de entrevista: os voluntários que cumpriram os critérios de inclusão foram

entrevistados e tiveram a entrevista gravada e transcrita.

A análise foi feita por categorias não apriorísticas que, para Campos (2004), advêm do contexto das respostas dos sujeitos, exigindo do pesquisador um movimento de "vai e vêm" ao material.

Para a elaboração das categorias consideramos o frequencímetro e a relevância, respectivamente, repetição de ideias à maioria dos informantes e argumentos singulares que guardam estreita relação com o objeto de estudo (Campos, 2004).

Trata-se de um recorte de dissertação de mestrado que investigava ainda os significados de saúde e o contexto de prática de atividade física.

RESULTADOS

No que se refere ao perfil dos voluntários o Quadro 1 demonstra se tratar de alunos com idade entre 16 e 17 anos, predominantemente matriculados no 2º ano do ensino médio do período noturno, com IMC e AD classificadas como "Acima do Peso".

No que se refere aos significados de corpo faz-se necessário ressaltar que todos os voluntários tiveram dificuldade em responder a questão.

Nesse sentido, como se tratava de uma entrevista semiestruturada, outros questionamentos foram aplicados além da questão inicialmente pensada ("Em sua opinião, o que é corpo?"), a saber: "O que vem a sua cabeça quando alguém fala de corpo?"; "O que significa corpo pra você?"; "Quando eu falo 'corpo', o que vem pra você, o que você associa?".

Mesmo assim, 4 voluntários (LEONARDO, LIVIA, RENATO e IAN) afirmaram de forma enfática que não sabiam.

Dos outros 29 voluntários, os frequentamentos dos discursos foram interpretados em quatro categorias de análise, a saber:

- Orgânico-funcional (13 voluntários);
- Bem-estar (6 voluntários);
- Morada (5 voluntários);
- Saúde (5 voluntários).

Na categoria "Orgânico-funcional", o significado de corpo atravessou as dimensões anátomo-fisiológicas:

"Gordura. Muita gordura, excesso de gordura[...] corpo tem de várias formas [...]" (JULIA)

"Corpo pra mim é uma barriga chapada." (LUIZA)

"[...] corpo para mim é braço, cabeça..." (LIA)
 "É, braço, cabeça, perna." (SILAS)
 "Todo nosso tecido, músculo, artérias, veias, é isso, matéria." (BARBARA)
 "É o que a gente tem né, que é composto por músculos, ossos [...]" (MATEUS)

"É toda matéria. Ah... toda matéria que se movimenta." (LAURA)
 "O físico das pessoas às vezes [...] se é mais gorda ou mais magra." (FABRICIO)
 "É braço, é perna, é pé [...]" (SABRINA)

Quadro1 - Perfil dos voluntários.

Pseudônimo	Idade (M=16.97) (DP: 0.95)	Ano	Período	IMC (M=28.49) (DP: 5.99)	AD
Carla	16	2º	Noturno	44,61 (CO)	CO
Simone	16	2º	Matutino	41,77 (CO)	CO
Paula	16	1º	Noturno	39,22 (CO)	CO
Lia	16	2º	Matutino	26,05 (AP)	PI
Fabio	16	1º	Noturno	26,10 (AP)	PI
Natalia	17	2º	Noturno	28,50 (AP)	AP
Debora	18	3º	Matutino	28,01 (AP)	AP
Barbara	18	3º	Matutino	23,08 (PI)	AP
Rita	16	1º	Noturno	23,05 (PI)	AP
Silas	17	2º	Noturno	23,05 (PI)	AP
Jessica	17	3º	Matutino	22,00 (PI)	AP
Karen	17	2º	Noturno	28,13 (AP)	AP
Rosana	19	1º	Noturno	23,81 (PI)	AP
Laura	16	1º	Noturno	26,19 (AP)	AP
Livia	18	2º	Noturno	24,44 (PI)	AP
Sonia	19	3º	Matutino	28,17 (AP)	AP
Sabrina	17	2º	Noturno	28,28 (AP)	AP
Tayna	17	2º	Noturno	28,94 (AP)	AP
Flavia	16	1º	Noturno	22,43 (PI)	AP
Jonatas	18	3º	Matutino	36,94 (CO)	AP
Ian	18	3º	Noturno	28,13 (AP)	AP
Ana	17	2º	Noturno	29,49 (AP)	AP
Mateus	17	2º	Matutino	32,66 (CO)	AP
Katia	18	3º	Matutino	25,49 (AP)	AP
Leonardo	17	2º	Noturno	22,29 (PI)	AP
Renato	18	2º	Matutino	24,96 (PI)	AP
Luiza	17	2º	Noturno	36,12 (CO)	AP
Julia	17	2º	Noturno	24,16 (PI)	AP
Fabricio	16	1º	Noturno	30,26 (CO)	AP
Pedro	17	3º	Matutino	25,86 (AP)	AP
Roberto	15	1º	Matutino	24,6 (PI)	AP
Larissa	16	2º	Matutino	24,69 (PI)	AP
Denis	17	2º	Matutino	38,77 (CO)	AP

Legenda: M: média; DP: desvio padrão; IMC: Índice de Massa Corporal; AD: Autodeclaração; CO: Com obesidade; AP: Acima do peso; PI: Peso Ideal.

"Ah, corpo para mim, corpo para mim e tudo, porque, que nem eu jogo bola, eu jogo na Portuguesa.

Um atleta precisa do corpo. Um atleta sem o corpo não existe, um atleta sem corpo. Ele precisa da respiração, ele precisa é, se manter em forma [...]" (ROBERTO).

"Isso daqui [apontando para o próprio corpo] tem corpo, tem tudo." (SIMONE).

"O corpo é uma máquina, assim como qualquer outra, que precisa da engrenagem, precisa que esteja tudo em dia, por isso que a gente pratica atividade física, para deixar tudo em dia, nossos ossos... É como se fosse uma máquina e a gente tem que saber usar, porque

se a gente colocar muita carga, muita carga, muita carga, que no caso seria a comida, essas coisas excessivas, ela vai pifando, colocar muita coisa, muita coisa, muita coisa, muita coisa, ela não vai trabalhar direito entendeu. Tem que ser tudo na medida ideal. Então para mim é como se fosse uma máquina. Você tem que saber trabalhar com esse tipo de máquina” (PEDRO).

“[...] A pessoa ser gorda, a pessoa ser magra, essas coisas” (TAYNA)

Já na categoria “Bem-estar”, o corpo foi concebido na perspectiva da autoestima, se sentir bem e estar feliz com a própria existência.

“[...] é autoestima [...] você estar bem com você mesmo [...]” (DEBORA)

“[...] envolve a gente se sentir bem, envolve autoestima [...]” (FLAVIA)

“O bem-estar da pessoa [...]” (TAYNA)

“[...] estar bem conforme o seu corpo [...]” (FABIO)

“[...] é você estar feliz com seu corpo, com saúde [...]” (LARISSA)

“[...] um corpo que ela realmente considere bom para ela” (DENIS)

Em relação à categoria “Morada”, os voluntários foram unânimes em afirmar que o corpo é o lar da existência, uma espécie de casa da alma.

“É como se fosse uma casa né, nosso lar [...] a gente tem que cuidar dele.” (CARLA)

“É como se fosse a nossa casa principal. Porque é onde nossa alma mora” (PAULA)

“É a nossa casa, tipo assim a gente tem que cuidar bem [...]” (SONIA)

“[...] corpo é um templo que a gente tem que cuidar” (FLAVIA)

“É um instrumento da mente, porque na verdade isso aqui vai embora quando a gente morre acaba [...]” (JESSICA)

Na categoria “Saúde”, entendemos a existência contemporânea de uma relação entre a forma e as condições de um corpo estar correlacionados com aspectos de saúde.

“Ah, corpo é se manter saudável.” (RITA)

“[...] é quando você está num estado saudável [...] tua saúde está bem, está no peso ideal [...]” (ANA)

“Saúde.” (KAREN)

“É a saúde da gente pra gente poder cuidar.” (ROSANA)

“Saúde.” (JONATAS)

Por fim, por relevância implícita ao objeto do estudo, as voluntárias Katia e Natalia ofertaram respostas mais amplas,

respectivamente: “Acho que tudo” e “Meu tempo”.

DISCUSSÃO

Na sociedade atual, a demanda pela exibição de um corpo a partir de um padrão tem sido legitimada por instituições dotadas de um saber pragmático orientado no sentido da aquisição do corpo idealizado (Braga, 2017).

Para Eufrásio e Nóbrega (2017), a mídia tem cumprido esse papel, pois se apresenta como instância produtora de discursos sobre atividade física, saúde, corpo e sempre no caminho das recomendações para a busca do corpo ideal.

Tal premissa abarca o discurso da contemporaneidade, que, ao reforçar um ideário de corpo magro, acaba por influenciar as subjetividades das pessoas.

O fato de 12 voluntários, mesmo não tendo IMC acima de 25, que caracterizaria o sobrepeso e/ou obesidade, se autodeclararem acima do peso vai ao encontro desse horizonte.

Desse total, três não souberam responder o questionamento do estudo (LÍVIA, LEONARDO e RENATA) e quatro (BARBARA, SILAS, JULIA e ROBERTO) significaram corpo na perspectiva orgânico-funcional. É válido ressaltar que essa categoria foi a mais frequente dentre todos os estratos possíveis de análise: sexo, idade, nível de estudo, turno de estudo, IMC e AD.

Nesse contexto, faz sentido a afirmação de Le Breton (2003) para o qual o corpo na contemporaneidade é visto como um simples suporte da pessoa, que dilui e extingue a raiz de identidade pessoal do ser humano para ser apenas uma matéria prima que deve ser melhorada. Nessa esteira, o corpo fica reduzido apenas a matéria, ao físico, à carne, como se isso bastasse à existência, o que coaduna com o significado de corpo pela via orgânica-funcional encontrada nesse estudo.

Ribeiro, Silva e Kruse (2009) corroboram tal compreensão ao afirmar que todos desejam possuir um corpo magro e que isso nos torna sujeitos de modelos de beleza física. Outro dado que chama atenção diz respeito aos 14 voluntários nos quais o IMC correspondeu à AD (CARLA, SIMONE e PAULA com obesidade; NATÁLIA, DEBORA, KAREN, LAURA, SONIA, SABRINA, TAYNA, IAN, ANA, KATIA e PEDRO acima do peso). Nesse ponto, acreditamos que tal

compreensão é, também, fruto da mídia, pois o tema é pauta diária em vários meios (TV, rádio, internet, redes sociais, etc.). Para Barros e colaboradores (2015), os meios de comunicação tornaram-se acessíveis - sobretudo a televisão e internet -, marcando uma espécie de revolução da informação.

Para os autores, a influência da mídia pode ser considerada negativa. Entretanto, há de se concordar que, nesse caso, ela também é informativa, pois é válido que o conhecimento acadêmico sobre a obesidade, por exemplo, seja compartilhado com o público em geral.

Em nosso entendimento, o grande problema são os vieses empregados nas análises simplistas e mercadológicas, que, para Barros e colaboradores (2015), tem influência direta na vida das pessoas, que, no caso do nosso estudo, foi abarcada pela categoria orgânico-funcional.

Noutra esteira, visões mais holísticas de corpo também têm habitado o imaginário social contemporâneo dos últimos anos. Em nosso estudo, 10 voluntários expressaram essa perspectiva ao responderem na direção do “Bem-estar” e do corpo como “Morada”, além das voluntárias que responderam na direção do “corpo é tudo” e “corpo é meu tempo”.

Em Tirintan (2017), que investigou os significados de corpo e saúde para adultos praticantes de dança, e em Santos (2019), que investigou os significados de corpo para trabalhadores da coleta de lixo da cidade de Mongaguá-SP, respostas semelhantes foram encontradas.

Tal fato nos permite afirmar que, mesmo em diferentes públicos e, em menor frequência, o significado de corpo numa perspectiva mais ampla que a orgânico-funcional tem sido visualizada.

Para Oliveira e Oliveira (2013), trata-se de uma compreensão de que somos um corpo e não que temos um corpo, embora possamos fazer a ressalva de que a ideia do corpo como morada da alma é, classicamente, cartesiana.

Nesse sentido, mesmo não relacionando o corpo como matéria, as respostas nessa categoria reforçam um ideário contrário (temos um corpo).

Aliás, a categoria saúde em nosso estudo, embora não tenha se reportado aos fenômenos biológicos, juntamente com a categoria orgânico-funcional foram reféns da

concepção cartesiana de corpo fragmentado (corpo-mente).

Nessa perspectiva, o corpo traduz-se num amontoado de coisas que se pode ter ou querer (mais músculos, mais saúde) ou não querer (gordura, doença). Tal binarismo simplifica a existência humana e se alia facilmente ao mercado fitness, bem divulgado pela mídia.

Nesse interim, Fraga (2006) nos alerta para a constituição de identidades marginais, como por exemplo, a máxima: “É gordo porque é relaxado”. Ou seja, estar obeso ou acima do peso é consequência da falta de vontade das pessoas em não se envolver com os tratamentos existentes, sendo um deles de fácil acesso e barato: a atividade física.

Para Eufrásio e Nóbrega (2017), um corpo gordo é tido com desdém e não representa as características de uma aparência vencedora. Para os autores, as imagens relacionadas a homens pobres, gordos, desempregados ou doentes foram todas substituídas por ilustrações que encarnam a perfeição da beleza.

Em Macedo e colaboradores (2015), que investigaram a percepção da pessoa obesa sobre a imagem do seu corpo, concluíram que a obesidade afeta o bem-estar, bem como ser obeso implica um constante processo de aceitação numa sociedade que marca a obesidade como um fracasso.

Nesse mesmo estudo, no qual participaram 19 voluntários com IMC \geq 30 kg/cm² com faixa etária entre 30 e 64 anos, os autores afirmam que a forma como a pessoa obesa vê e age socialmente sofre influência do ideário corpóreo contemporâneo que cobra das mulheres, por exemplo, um corpo esguio e dos homens um corpo atlético (Macedo e colaboradores, 2015).

Embora o nosso estudo não tenha se ocupado em investigar a imagem corporal, compreendemos que a dimensão do significado também é afetada por esse prisma, corroborada pelas categorias “orgânico-funcional” e “saúde”.

Em síntese, podemos afirmar que há um peso social sobre a obesidade que molda a forma como essas pessoas veem o mundo e vice-versa, marcadas, não variavelmente, pela áurea do fracasso e da culpa.

CONCLUSÃO

Os significados de corpo para adolescentes obesos e acima do peso remeteram discursos com forte influência biológica com ênfase no corpo físico, conseqüentemente, o aspecto orgânico-funcional foi privilegiado. Nessa ótica, o corpo é matéria na qual moldamos para viver o mundo.

Entretanto, significados holísticos também coexistiram entre os voluntários, principalmente no bem-estar consigo mesmo ou na esteira de que os seres humanos são corpos. Ou seja, é impossível separar corpo e mente.

Embora o estudo apresente limitações, principalmente no diálogo com os estudantes (o que remete, em futuros estudos, a necessidade da observação como ferramenta complementar à coleta de dados) faz-se necessário frisar que a polissemia existente sobre o corpo nesse grupo específico (adolescentes e jovens acima do peso ou obesos) não é um fato isolado nem mesmo remete às intempéries da faixa etária, mas é sim fruto do mundo contemporâneo, no qual quilos a mais representa o estereótipo das "identidades marginais", para usar um termo de Fraga (2006).

Nesse sentido, a condição de estar acima do peso ou com obesidade significa o fracasso e a falta de vontade de mudar, em outras palavras, ter um corpo magro e/ou melhor.

Frente ao exposto, nos resta apostar numa educação de resistência com a juventude.

Resistência aos rótulos, aos preconceitos, aos padrões (in) adequados de corpo e à magreza como símbolo sucesso. Uma educação de resistência que, partindo da realidade dos discentes, os confronte com a realidade na perspectiva de mudança, de encontro com outros saberes e outros significados.

Para Freire (2002), o "destino" dos seres humanos não é um dado, mas algo que precisa ser feito.

AGRADECIMENTOS

À CAPES pelo auxílio financeiro em forma de Bolsa de Demanda Social.

REFERÊNCIAS

- 1-Barros, L.B.F.; Silva, L.F.; Duarte, K.M.A.P.; Silva, F.V.F.; Guedes, M.V.C.; Guerra, A.O.L. Contribuição do meio midiático para a promoção da saúde cardiovascular. Revista de pesquisa: cuidado é fundamental Online. Vol. 7. Num. 2. 2015. p. 2241-2253.
- 2-Braga, A. Em busca do peso perdido: a institucionalização de demandas culturais no Vigilantes do Peso. Revista Eletrônica de Comunicação e Informação Inovadora de Saúde. Vol. 11. Num. 3. 2017. p. 1-8.
- 3-Campos, C.J.G. Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. Revista Brasileira de Enfermagem. Vol. 57. Num. 5. 2004. p. 611-614.
- 4-Daolio, J. Da cultura do corpo. 8ª edição. Campinas. Papyrus. 1995.
- 5-Eufrásio, J.J.G.; Nóbrega, T.P. Representações do corpo masculino na Revista Men's Health. Revista Brasileira de Ciências do Esporte. Vol. 39. Num. 1. 2017. p. 31-38.
- 6-Fraga, A.B. Promoção da vida ativa: nova ordem físico-sanitária na educação dos corpos contemporâneos. In Bagrichevsky, M.; Palma, A.; Estevão, A.; Ros, M. A saúde em debate na educação física. Vol. 2. Blumenau. Nova Letra. 2006.
- 7-Freire, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 24ª edição. São Paulo. Paz e Terra. 2002.
- 8-Geertz, C. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro. LTC. 1989.
- 9-Golke, C. Obesidade infantil: uma revisão de literatura. Especialização em Gestão e Organização em Saúde Pública. Universidade Federal de Santa Maria. Palmeira das Missões. 2016.
- 10-Le Breton. D. Adeus ao corpo. Campinas. Papyrus. 2003.
- 11-Macedo, T.T.S.; Portela, P.P.; Palamira, C.S.; Mussi, F.C. Percepção de pessoas obesas sobre seu corpo. Escola Anna Nery

Revista de Enfermagem. Rio de Janeiro. Vol. 19. Num. 3. 2015. p. 505-510.

12-Magalhães, L. Publicidade televisiva e obesidade infantil. In Comunicação e Cidadania. Actas do 5º Congresso da SOPCOM. 2008.

13-Marconi, M.A.; Lakatos, E.M. Fundamentos de Metodologia Científica. São Paulo. Atlas. 2003.

14-Mariuzzo, P. Crescimento de cirurgias plásticas demonstra fusão dos conceitos de saúde e beleza. Ciência e Cultura. Vol. 64. Num. 3. 2012. p. 13-15.

15-Mauss, M. Sociologia e antropologia. São Paulo. Cosac Naify. 2003.

16-Minayo, M.C.S. O Desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 14ª edição. São Paulo. Hucitec. 2014.

17-Minayo, M.C.S. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In Minayo, M.C.S.; Deslandes, S.F.; Cruz Neto, O.; Gomes, R. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 9ª edição. Petrópolis. Vozes. 1994.

18-Nogueira, R.P. Higiomania: a obsessão com a saúde na sociedade contemporânea. In Vasconcelos, E.M. A saúde nas palavras e nos gestos: reflexões da rede de educação popular e saúde. São Paulo. Hucitec. 2001.

19-Oliveira, R.C.; Oliveira, F. O culto ao corpo e seus desdobramentos contemporâneos. Lecturas Educación Física y Deportes. Buenos Aires. Ano 18. Num. 185. 2013. p. 1-1.

20-OMS. Organização Mundial da Saúde. Obesidade: prevenir e gerir a epidemia global. Geneva. WHO publications. 1999.

21-OMS. Organização Mundial da Saúde. Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde. Décima Revisão. São Paulo. USP. 2007.

22-Ribeiro, R.G.; Silva, K.S.; Kruse, M.H. O corpo ideal: a pedagogia da mídia. Revista Gaúcha de Enfermagem. Vol. 30. Num. 1. 2009. p. 71-76.

23-Ricardo, D.R.; Araújo, C.G.S. Índice de Massa Corporal: Um questionamento Científico Baseado em Evidências. Arquivos Brasileiros de Cardiologia. Vol. 79. Num. 1. 2002. p. 61-69.

24-Santos, M.B. Significados de corpo para trabalhadores da coleta de lixo da cidade de Mongaguá-SP. Relatório de Iniciação Científica. Universidade Federal de São Paulo-Campus Baixada Santista. Santos. 2019.

25-Serra, G.M.A.; Santos, E.M.S. Saúde e mídia na construção da obesidade e do corpo perfeito. Ciência & Saúde Coletiva. Vol. 8. Num. 3. 2003. p. 691-701.

26-Tirintan, M.M. Corpos em movimento: a relação corpo e saúde na experiência da dança. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de São Paulo-Campus Baixada Santista. Santos. 2017.

27-Triviños, A.N.S. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. 16.reimp. São Paulo. Atlas. 2008.

28-Vieira, C.A.L.; Bosi, M.L.M. Corpos em confecção: considerações sobre os dispositivos científicos e midiáticos em revistas de beleza feminina. Physis. Vol. 23. Num. 3. 2013. p. 843-861.

29-Volpi, M.; Silva, M.S.; Ribeiro, J. 10 desafios do ensino médio no Brasil: para garantir o direito de aprender de adolescentes de 15 a 17 anos. 2ª edição. Brasília. UNICEF. 2014.

Recebido para publicação em 30/09/2020
 Aceito em 11/12/2021